

O Eximbank restabelece os créditos

Dívida ext
GAZETA MERCANTIL

2 JUL 1988

por Paulo Sotero
de Washington

Dizendo-se "encorajado pelas recentes ações do governo do Brasil para reiniciar na comunidade financeira internacional e ao mesmo tempo adotar sólidas políticas de reforma econômica interna", o presidente do Eximbank dos Estados Unidos, John A. Bohn Jr., anunciou ontem, em Washington, o restabelecimento do crédito de médio e longo prazo ao País pela agência oficial de exportação dos Estados Unidos e sua associada na área de seguros, a Foreign Credit Insurance Association (FCIA). "Nós aplaudimos os progressos que o Brasil tem alcançado com seus credores internacionais e estamos prontos a fazer a nossa parte para ajudar na implementação dessas novas políticas", acrescentou Bohn.

A decisão coloca no lugar mais uma peça do multi-

facetado esforço de normalização das relações do Brasil com seus credores externos e encerra um difícil período iniciado 29 meses atrás, poucos dias antes da decretação do Plano Cruzado, em fevereiro de 1986, quando o Eximbank decidiu fechar suas principais torneiras de crédito para o País alegando falta de pagamento, ausência de perspectiva de renegociação com o Clube de Paris e a adoção de uma atitude confrontacional em relação aos credores externos.

Em meados de 1986, além de não conceder crédito para o Brasil, o Eximbank foi usado duas vezes pelo secretário do Tesouro, James A. Baker III, para bloquear as vendas de turbinas brasileiras para pequenas hidrelétricas no Estado da Pensilvânia, numa decisão que, embora estivesse baseada na alegação de que o governo estava subsidiando escandalosamente as exportações da subsidiária da empresa alemã Voith, através do Finex, foi calculada para ilustrar a disposição de Baker de jogar pesado com o Brasil.

A reabertura do crédito para o Brasil pelo Eximbank americano deverá levar os outros países credores do Brasil a seguir o exemplo (a Espanha, a Itália e o Canadá eram os únicos países que estavam processando pedidos de crédito para o Brasil até agora), o que facilitará, por sua vez, a difícil tarefa de venda do acordo de renegociação que o País e os bancos comerciais anunciaram em 22 de junho último.

"A decisão do Eximbank ajuda porque mostra a disposição do governo dos EUA de compartilhar o fardo do refinanciamento brasileiro com os bancos privados", afirmou um executivo do comitê de bancos, em Nova York. "Esta foi uma preocupação forte dos bancos desde o início das conversações, pois eles se sentiram discriminados pela decretação da moratória brasileira, que tocou apenas seus créditos. Os bancos não aderiram ao empréstimo de dinheiro novo — US\$ 5,2 bilhões — se os governos dos países credores e os organismos inter-

nacionais, que continuaram a receber seus pagamentos, não dessem seu apoio ao Brasil."

Poucas horas depois do anúncio, o Eximbank recebeu o primeiro pedido de crédito de exportação para o Brasil, de uma empresa

(Continua na página 19)

O Ministério da Fazenda divulgou, ontem, a íntegra do documento que relaciona as condições que o Eximbank coloca para reiniiciar a política de cobertura financeira para o Brasil. A assessoria do ministro Mailson Ferreira da Nóbrega destacou a iniciativa do organismo oficial de crédito americano oferecendo ao País apoio financeiro para exportações dos EUA para o Brasil.

(Ver página 19)



O Eximbank restabelece...

por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)

produtora de equipamento ferroviário. Esta e outras solicitações de créditos, que são esperadas, serão submetidas à diretoria executiva da instituição tão logo o governo brasileiro chegue a um acordo com seus credores oficiais, no Clube de Paris, explicou Bohn, o que poderá acontecer logo após a aprovação, no final deste mês, do programa de estabilização econômica que o País negociou com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

"A efetivação dos créditos que forem aprovados não depende da renegociação específica da dívida

brasileira com o Eximbank", informou John W. Lentz, o funcionário que administra a carteira de empréstimos para o Brasil. O exame das solicitações de crédito pelo corpo técnico do Eximbank leva de quatro a seis semanas. Lentz vinha recebendo um número crescente de consultas de empresas, nas últimas semanas, e foi inundado por telefonemas de exportadores, ontem, após a oficialização da reabertura do crédito para o Brasil. "Eu esqueci de deixar meu telefone fora do gancho", brincou ele. Diante da procura, Lentz previu ontem a este jornal que a carteira de créditos do Eximbank para o Brasil deverá voltar rapidamente à média

anual de US\$ 300 milhões que registrou até 1985, passando a do México, que se tornou o principal tomador de créditos oficiais de exportação dos EUA no período da crise com o Brasil.

Em maio último, a dívida acumulada do País com o Eximbank era de US\$ 2,212 bilhões, sendo US\$ 1,748 bilhão em empréstimos de médio e longo prazos e US\$ 464 milhões em créditos de curto prazo. O Brasil tem US\$ 439,8 milhões de pagamentos em atraso com o Eximbank, os quais deverão ser objeto da próxima renegociação com o Clube de Paris, indicou Lentz.

As operações de curto prazo, normalmente feitas sob a forma de garantia de crédito, têm prazo de paga-

mento não superior a 180 dias e não haviam sido suspensas.

Elas totalizam em média US\$ 80 milhões por ano e são usadas para financiar primordialmente a venda de carvão para o Brasil, além de peças de reposição.

As linhas de médio e longo prazos, agora reabertas pelo Eximbank, têm prazo de até cinco anos e de cinco a dez anos, respectivamente, e foram usadas no passado para financiar exportações de aviões, equipamento para perfuração de poços de petróleo na plataforma continental, equipamentos médicos, maquinário para projetos de mineração, equipamento pesado de transporte, etc.